

GOOTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1997 (310 páginas).

*Silvia Regina Pereira*¹

Diante das relações entre espaço e sociedade, se torna cada vez mais necessário entendermos as configurações socioespaciais que se delineiam no espaço urbano, e que estão intimamente ligadas às transformações que ocorrem no interior da cidade, não mais correspondendo à forma confinada de cidade, visão que a ciência urbana tinha no passado, mas à forma de assentamento polinucleada associada à desconcentração metropolitana que acaba por implicar na organização da vida social. No sentido de contribuir para o entendimento da atual organização regional da vida cotidiana nos Estados Unidos do pós Segunda Guerra Mundial, o autor desse livro se propôs a superar os paradigmas e teorias urbanas que a seu ver são insuficientes para explicar a organização espacial contemporânea, por restringir-se ao estudo da morfologia, não apresentando uma discussão sobre a organização social que pode produzir, manter e até reproduzir os padrões de usos da terra. Assim, considera imprescindível a substituição do paradigma convencional e ultrapassado de ciência urbana, pela abordagem da produção social do espaço.

Essa perspectiva procura unificar os vários campos de análise urbana por meio da observação dos atuais problemas da sociedade que estão cada vez mais articulados com os problemas de natureza espacial. Desta forma apresenta um entendimento com base na relação entre Estado e economia que envolve a produção do espaço regional, analisando a intersecção dos processos políticos e econômicos no espaço, pois a dispersão regional depende das forças sociais, que no plano da sociedade, influenciam seus padrões internos de diferenciação funcional. A diferenciação funcional é vista como distribuição inevitável da competição sócio-econômica, em função da distribuição espacial, sendo os problemas sociais causados por diferenças de localização. Geralmente nas pesquisas urbanas o estudo dos problemas econômicos, políticos e sociais são dominados por uma perspectiva espacial básica, ou seja, pautadas na análise dos padrões de localização, não havendo um debate sobre os padrões socioespaciais que são produzidos pelas ações de forças sistêmicas da sociedade, que por meio processo de reestruturação contemporânea resultou na produção do desenvolvimento desigual.

O autor apresenta as idéias e limitações das atuais abordagens que tratam os eventos e padrões urbanos contemporâneos, que são a Ecologia, Geografia e Economias urbana que são consideradas como visão convencional e que domina a produção acadêmica dos Estados Unidos: o estruturalismo marxista, a economia

¹ Aluna do Curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente em nível de Mestrado e bolsista FAPESP, e-mail para contato: silviarperreira@hotmail.com

política urbana, o neoweberianismo e a perspectiva de produção de espaço. A abordagem convencional, por exemplo, é criticada pela pesquisa marxista, a qual destaca o conflito de classes e a lógica de acumulação do capital como processos distintos que estruturam o espaço, sendo que as mudanças socioespaciais na cidade são regidas por essa lógica, e o resultado desse processo é o desenvolvimento desigual e as injustiças sociais. Vê-se que a economia política marxista tem uma interpretação mais adequada sobre os padrões de desenvolvimento no espaço urbano. Mas o autor aponta também as limitações dessa abordagem, como a incapacidade de escapar das categorias ideológicas de raciocínio dominante que destaca o crescimento econômico como tema social básico desse pensamento. Já a relação entre Estado-sociedade é entendida de forma imprecisa, reduzindo a abordagem dos fenômenos políticos dentro do espaço de assentamento, sendo que as formas espaciais são vistas como receptáculos de processos econômicos e políticos. Face a essas limitações é preciso a construção de uma política pública urbana que reconstrua uma política socioespacial que se preocupe não com a identificação da qualidade de vida comunitária, com o crescimento econômico, mas sim com as ações sociais transformadoras.

A referida obra é composta por oito capítulos, sendo que cada qual possui seus subcapítulos que nos revela de forma mais detalhada o conteúdo apresentado. Ele inicia com uma análise dos paradigmas convencionais que são constituídos pela Ecologia, Economia e Geografia Urbanas. Nesse enfoque a forma social e função social são relacionadas por meio do conceito de competição das espécies (com base na teoria de Darwin), sendo que essa abordagem se utilizava essencialmente da analogia biológica e do organicismo para explicar a organização e distribuição das pessoas e funções na cidade. Além de prevalecer o enfoque econômico no estudo da organização espacial com visão biologicamente reducionista das relações humanas, essa abordagem ignora as influências de classe, status e poder político e é também tecnologicamente determinista (a tecnologia é tida como agente principal de mudança na sociedade) e se baseiam na teoria do lugar central para explicar a organização das atividades urbanas.

Com relação ao enfoque da Economia Política Marxista que retrata o capítulo três, Gottdiener nos revela que está evidenciando o trabalho como fator fundamental das localizações, sendo que a análise se concentra nos padrões de desenvolvimento econômico na sociedade, mais do que no projeto revolucionário de transformá-la, não considerando todos os elementos necessários como Estado, luta de classes, o processo de acumulação de capital, a desigualdade de desenvolvimento, a ideologia e a reprodução das relações de produção. Segundo o autor há uma falta de procedimento nessa teoria pelo qual se possa especificar a relação entre estrutura social e estrutura espacial.

Há posteriormente a retomada sobre a discussão do espaço com base em dois importantes teóricos dessa questão, Castells e Lefévre. Com uma detalhada explanação nos é apresentado no capítulo quatro, as discussões desses sobre a Teoria do Espaço, sobre o Estado e sua relação com o Espaço, sobre Movimentos Sociais

Urbanos, mostrando as idéias e limitações de cada um. Castells se baseia na teoria althusseriana da estrutura social para explicar as formas espaciais, enfocando também a dimensão econômica, se preocupando com os problemas urbanos e não com a explicação da produção do espaço. Já Lefévre considera a natureza multifacetada do espaço e que além de haver um espaço de consumo coletivo, há o consumo de espaço ou próprio espaço como objeto de consumo, sendo também não só parte, mas produto das relações entre forças e meios de produção.

No capítulo cinco é trabalhado a fórmula da trindade segundo Marx, ou seja, o capital, o trabalho e a terra que se constituem como componentes do modo capitalista de produção. Dessa forma ele expõe o conceito de natureza das classes de moradia, desenvolvido pelos neoweberianos, para definir a classe trabalhadora, a comunidade como espaço social e o valor da terra e o papel do espaço na acumulação de capital.

Já no capítulo seis a estrutura e ação na produção do espaço são enfocadas por meio da apreensão dos modos como as ações de grupos sociais estão envolvidas na produção de espaço de acordo com a correspondência dos aspectos estruturais, da sociedade capitalista. A ciência urbana deve penetrar por meio da aparência ou forma para descobrir as forças que produzem espaço. Para isso é necessário não especificar fenômenos socioespaciais integralmente pelo raciocínio marxista, mas por meio de uma dialética marxista que vá além de sua política econômica. O entendimento da produção do espaço se faz necessária, sendo preciso uma abordagem sintética que se estenda além dos dois pólos da estrutura e ação para unir ambos numa explicação da articulação entre a sociedade e espaço. O setor imobiliário, considerado como circuito secundário da acumulação de capital é bastante explorado para explicar a organização social no espaço.

O capítulo sete nos remete ao entendimento da reestruturação do espaço de assentamento, que gerou o desenvolvimento desigual, na dimensão espacial e social, que estão intimamente relacionados aos efeitos do capitalismo tardio e às mudanças no espaço de desconcentração. Nesse capítulo o autor enfatiza a mudança no espaço de assentamento rural, a teoria da expansão metropolitana defendida pelo pensamento ecológico urbano que busca explicar a morfologia urbana não especificando a forma precisa pela qual ocorreu a expansão. A perspectiva convencional sobre desconcentração também é apresentada por não considerar as forças e modos de mudança social mais complexos, se restringindo aos fatores causais da teoria ecológica. O autor então desenvolve a perspectiva crítica sobre desconcentração, onde trata a desconcentração regional metropolitana, enfocando as mudanças ocorridas na localização da habitação e das indústrias. Ele salienta que para realizar uma explicação total da desconcentração é necessário ligar a característica estrutural de modo de produção a aspectos contemporâneos da forma socioespacial.

No capítulo final é analisada a nova perspectiva como possibilidade de alternativas para superar as limitações das abordagens convencionais consideradas inadequada para apreender as transformações econômicas, políticas e culturais.

Assim o autor nos apresenta o que se tem desenvolvido em termos de abordagem sobre o espaço, enfocando o urbano, suas apreensões e limitações para a compreensão da sociedade contemporânea, apresentando alternativas por meio da perspectiva produção social do espaço para explicar as mudanças e a organização socioespacial metropolitana, com base na realidade dos Estados Unidos. Deixa claro que é imprescindível considerar a relação entre Estado, luta de classes, o processo de acumulação de capital, a desigualdade de desenvolvimento, a ideologia e a reprodução das relações de produção para o entendimento da configuração e reprodução do espaço. Para que essa perspectiva se concretize é preciso considerar a dimensão social juntamente com as demais, econômica, política e cultural, superando a visão economicista dominante.

A Produção Social do Espaço Urbano de Gottdiener se desenvolveu com base na realidade dos Estados Unidos, se revela como importante obra para as diferentes ciências e estudiosos da questão urbana, abrangendo a dimensão espacial e social, podendo ser aplicada para o entendimento de outras realidades, apesar das especificidades com relação a aspectos estruturais, mas o processo de reestruturação e desconcentração que modificaram a organização socioespacial está presente em diferentes países e cidades, regidos pela lógica capitalista.
